



Rua Cruz de Pedra, n.^{os} 4-10: dados preliminares sobre a intervenção arqueológica num sítio da Idade Moderna (Centro Histórico de Braga)

RUI PINHEIRO¹

¹ Arqueólogo. ERA, Arqueologia, S.A.

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo dar a conhecer os principais dados recolhidos na intervenção arqueológica efetuada no Largo da Boa Luz, n.^{os} 1-9, e na Rua Cruz de Pedra, n.^{os} 4-10, em Braga. Esta intervenção foi realizada no âmbito de um projeto de remodelação, reconstrução e ampliação de um conjunto de edifícios localizados em pleno centro histórico de Braga. Os trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos pela ERA, Arqueologia, S.A., de forma faseada, entre julho de 2019 e setembro de 2020.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia urbana; Idade Moderna e Contemporânea.

ABSTRACT

This article has as main objective to make known the main data collected during the archaeological intervention in Rua Cruz de Pedra, in the heart of the Historic Centre of Braga. This intervention was carried out as part of a project for the rehabilitation / construction of a set of buildings on Rua Cruz de Pedra and Largo da Boa Luz, based in Braga.

KEYWORDS

Urban archaeology; Modern and Contemporary Ages.

2. Breve enquadramento histórico-arqueológico

A área intervencionada, apesar de estar numa zona extramuros quer da linha da muralha romana quer da medieval, está situada numa zona com grande potencial arqueológico.

A Rua Cruz de Pedra, antiga Rua de Maximinos, era um importante eixo viário medieval extramuros da cidade de Braga. Era por esta rua/eixo viário que se fazia a ligação à cidade do Porto, passando esta perto da igreja de Maximinos.

Esta rua estaria no enfiamento de uma das portas da muralha medieval que dava acesso à Rua dos Burgueses, rua situada intramuros, atual Rua Paio Mendes. Esta rua dava e dá acesso à fachada principal da Sé de Braga. Este eixo viário, provavelmente, terá origem nos séculos XI/XII.

No século XIV, em 23 de agosto de 1369, no decurso da I Guerra contra Castela, Henrique II ocupa a cidade de Braga durante seis dias, pilhando-a e destruindo a maior parte das casas situadas extramuros, incluindo as casas localizadas na Rua Cruz de Pedra e Rua dos Chãos.

Apesar da sua importância eclesiástica, Braga era, em finais da Idade Média, uma cidade pequena, com pouca população e praticamente cingida ao interior da sua linha de muralha (Ribeiro, 2008).

Com o início da Idade Moderna, esta situação muda e a cidade sofre algumas transformações urbanísticas que lhe mudam um pouco a “cara”.

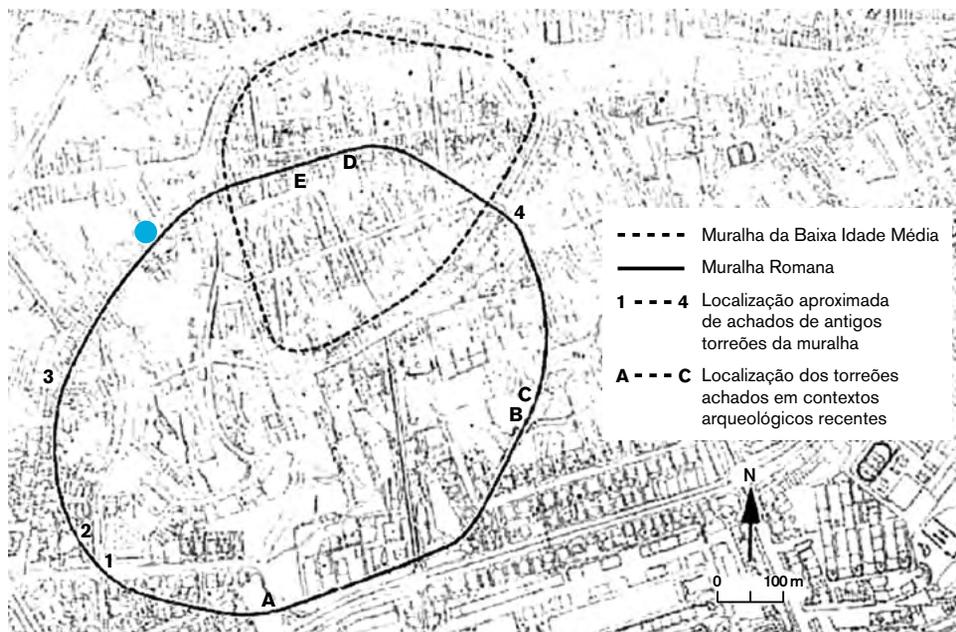


Figura 2. Relação entre a fortificação medieval (a tracejado) e romana e localização de torreões (a azul localiza-se a área da intervenção) (adaptado de Lemos, *et al.*, 2002, p. 610).

Para esta transformação em muito contribuiu a ação do arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532) e o aumento populacional que a cidade sofre: 1745 habitantes, em finais do século XV, passa para 3575, em princípios do século XVI (Martins e Ribeiro, 2013).

Com a ação de D. Diogo de Sousa existe uma tentativa de planificação/racionalização do espaço urbano de Braga, com a regularização, alargamento e planificação de novos arruamentos, tornando a malha urbana intramuros mais regular. Também se nota a ação deste arcebispo no melhoramento das infraestruturas urbanas, tais como a melhoria do abastecimento de água, com a construção de novos chafarizes e fontes e reparação dos já existentes, e pelo calcetamento de ruas e praças (Martins e Ribeiro, 2013).

Uma alteração importante que também se verifica no urbanismo da cidade de Braga, nos alvares da Idade Moderna, foi o aparecimento de construções na área envolvente da Cerca Fernandina, já que esta tinha perdido a sua função militar, e a abertura de espaços denominados de campos e respetivos arruamentos de ligação entre estes novos espaços criados extramuros. Com a criação destes novos espaços, e a urbanização que se irá verificar nas principais vias que ligavam a cidade de Braga às suas paróquias suburbanas, a cidade ganha uma configuração radiocêntrica que irá marcar o seu desenvolvimento até ao século XX (Ribeiro, 2010).

Durante os séculos XVII/XVIII, a cidade de Braga continua com o seu crescimento quer nas zonas intramuros quer nas zonas periurbanas, tal como se constata ao comparar os mapas de Braunio, de 1594, e o Mapa da Cidade de Braga Primas, de meados do século XVIII (Martins e Ribeiro, 2013).

No período barroco, Braga terá outro surto construtivo e de melhoramentos urbanísticos, também impulsionados pelo clero. Este novo impulso urbanístico foi estimulado quer pela conjuntura económica que Braga e o Reino atravessavam quer pelo aumento populacional verificado na primeira metade do século XVIII. Este novo surto construtivo consistiu quer em obras de natureza eclesiástica quer em obras de natureza secular, como a construção de novas habitações, de novos bairros habitacionais, como o Bairro da Gavieira, e no provimento de água, do qual a monumentalização das Sete Fontes é exemplo (Martins e Ribeiro, 2018).

No século XIX e até aos anos 70 do século XX, a fisionomia da cidade de Braga pouco se altera e só com o grande *boom* urbanístico, que se opera a partir dos anos 70 do século passado, é que a cidade de Braga torna a passar outra vez por uma grande transformação urbanística.

3. Intervenção arqueológica

3.1. Faseamento crono-estratigráfico

No decurso da intervenção arqueológica foi possível individualizar oito fases crono-estratigráficas:

Fase 1: esta fase corresponde ao nivelamento/entulhamento para as construções existentes no local. Destas casas já só restam partes de algumas fachadas. Esta fase, cronologicamente, será da segunda metade do século XIX ao século XX.

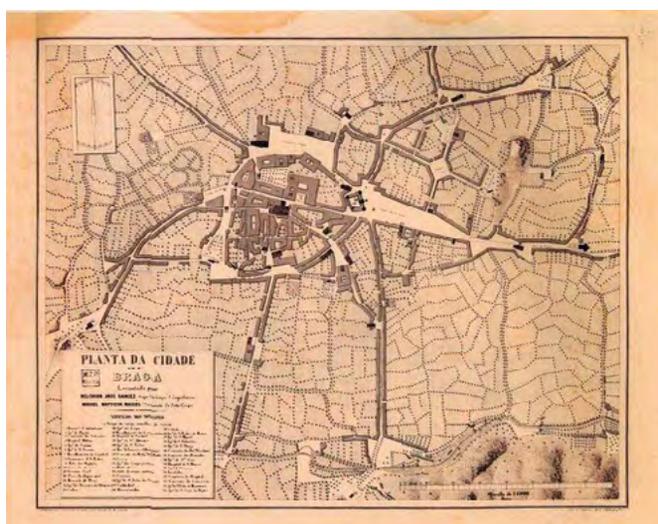


Figura 3. Planta da cidade de Braga na década de 70 do século XIX, levantada por Belchior José Barcez e Miguel Baptista Maciel Major e Tenente do Corpo de Engenharia do Exército, respetivamente, onde se vê a Rua Cruz de Pedra com a configuração que atualmente apresenta (Gomes, 2013).

Fase 2: esta fase corresponde à construção de um poço, bem como de estruturas hidráulicas/canalizações detetados no local. Podemos balizar, em termos cronológicos, esta ocupação entre meados do século XVIII e meados do século XIX.

Fase 3: esta fase corresponde a diversas estruturas postas a descoberto da Idade Moderna (séculos XVII/XVIII). Os contextos mencionados correspondem a dois edifícios e suas remodelações. Deste conjunto de estruturas, para além de se distinguirem estes dois edifícios e suas posteriores reformulações, também foi possível perceber no registo arqueológico alguns arruamentos. Este conjunto faria parte de um quarteirão da Idade Moderna do antigo núcleo urbano de Braga e, muito provavelmente, estas construções seriam oficinas de forja/ferreiros.

Fase 4: esta fase corresponde a uma sedimentação, com alguma potência estratigráfica, que cobre as estruturas medievais e serve de base ao assentamento das estruturas de cronologia moderna. Esta sedimentação poderemos balizá-la entre os séculos XV e XVI (Baixa Idade Média).

Fase 5: esta fase encontra-se associada a uma série de estruturas de cronologia medieval, cuja funcionalidade não nos foi possível aferir no decurso dos trabalhos arqueológicos.

Fase 6: esta fase, de provável cronologia romana, corresponde a uma estrutura negativa de planta circular e a uma vala/dreno cheia por silhares aparelhados de grande dimensão.

Fase 7: esta fase corresponde à sedimentação cortada por uma estrutura negativa de planta circular já referida na sexta fase. Deste sedimento, durante a fase de definição do mesmo, recolheu-se cerâmica manual e uma ponta de seta em xisto (?). Esta fase poderemos datá-la, com alguma segurança, da Proto-história/Pré-história recente.

Fase 8: esta última fase corresponde a uma estrutura negativa tipo “fossa”, cuja interface corta o substrato geológico. Apesar de não se ter recolhido qualquer tipo de artefacto do seu enchimento, poderemos, com alguma segurança, datá-la da Pré-história recente.

3.2. Descrição das realidades identificadas

Após a escavação de uma série de unidades estratigráficas – [100], [200], [300] e [400] –, entre outras (depósitos muito heterogêneos de coloração castanha/amarelada), pôs-se a descoberto o topo de uma série de muros de cronologia moderna: um poço de boca circular, algumas canalizações e vários depósitos sedimentares localizados entre os muros da Idade Moderna (UE [1234], [1235], [1236], [1239] e [1251]). Os depósitos referenciados encostam às estruturas da Idade Moderna e podemos datar estes aterros/colmatações de meados do século XVIII a meados do século XIX. Ao nível do espólio, recolheu-se, fundamentalmente, cerâmica comum, vidrados de chumbo e escória de metal, cronologicamente situáveis entre finais da Idade Moderna e inícios da Época Contemporânea.



Figura 4. Limpeza e definição das estruturas da Época Moderna.

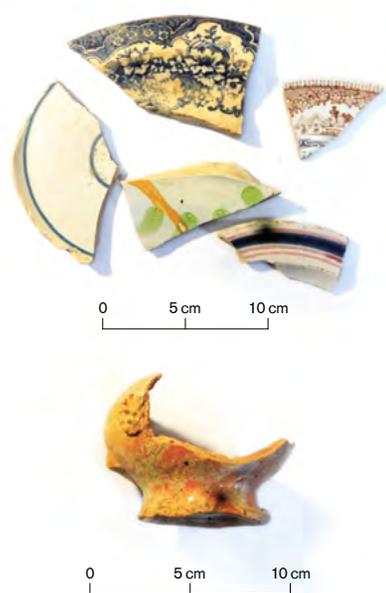


Figura 5. Faianças e potinho em vidrado de chumbo do século XIX.



Figura 6. Prato raso em faiança pó de pedra e garrafa de vidro.

No que se refere às estruturas postas a descoberto nos trabalhos arqueológicos, há a destacar a presença de um poço, pelo facto de constituir o elemento mais recente do ponto de vista cronológico. Em função dos materiais recolhidos, podemos datar este poço do século XIX. Esta baliza cronológica tem como base a estratigrafia do poço e o espólio recolhido do seu interior.

O poço – UE [1257] – tem uma estrutura circular, com 1,25 m de diâmetro interno e 2,33 m de diâmetro externo. Este, do ponto de vista estrutural, é construído em alvenaria de pedra aparelhada (de pequena e média dimensão), sendo internamente rebocado por uma argamassa, de coloração amarelada, à base de saibro. Este encosta à estrutura identificada com a UE [1255] – muro situado a sul do poço – e não se detetou qualquer vala de fundação.



Figura 7. Poço de boca circular.



Figura 8. Canalização identificada com a UE [1242].
Vista de sul.



Figura 9. Canalização identificada com a UE [1264].
Vista de norte.

Na área oeste da escavação identificou-se uma canalização – a UE [1242]. Esta estrutura apresentava uma orientação sudeste-noroeste, aproximadamente, e, em termos construtivos, apresentava uma técnica construtiva em alvenaria com silhares aparelhados de granito. O fundo desta estrutura era constituído por lajetas de granito e o seu enchimento composto por um sedimento de coloração castanha de matriz arenosa – a UE [1241]. Este enchimento era coberto por um capeamento em pedra – a UE [1240]. O material recolhido remete-nos para uma cronologia da Idade Moderna. Esta canalização tem cerca de 4,66 m de comprimento, 88 cm de largura e 40 cm de profundidade, e corta o muro identificado com a UE [1255].

Sensivelmente a meio da área intervencionada identificou-se uma outra canalização – a UE [1264] –, com orientação sudeste-noroeste e construída também em alvenaria de silhares de granito aparelhados, de pequena e média dimensão, de formato retangular, tendo como ligante uma argamassa à base de cal. O seu fundo é constituído por lajes argamassadas entre elas. Só junto ao corte norte é que se conservou parte do capeamento superior, sendo este construído por alvenaria de pedra aparelhada de grande dimensão, com formato retangular. Do enchimento recolheram-se fragmentos de cerâmica vidrada, faianças, porcelanas e material de construção que nos remete para uma cronologia entre os finais da Idade Moderna e inícios da Época Contemporânea.

Esta canalização é posterior quer aos empedrados que lhe estão próximos – UE [1263], [1275], [1274] e [1282] – quer aos muros identificados com as UE [1262], [1217], [1266] e [1271]. Tem cerca de 10,77 m de comprimento, 1,33 m de largura e cerca de 35/40 cm de profundidade, tendo um traçado ligeiramente sinuoso.

Na área da escavação podemos distinguir, para além do poço e das duas canalizações anteriormente descritas, dois edifícios e respetivas reformulações. No canto sudoeste da área intervencionada temos um edifício que é constituído pelos muros identificados com as UE [1218] e [1219], fazendo estes cunhal entre si, e que iremos designar por edifício A. No canto nordeste temos um outro edifício, designado por edifício B, constituído pelos muros identificados com as UE [1108] e [1110], também fazendo cunhal entre eles.

Os muros que compõem o edifício A têm uma construção, como seria de esperar, bastante parecida. Estes são constituídos por alvenaria de silhares aparelhados, de média e grande dimensão, em granito, tendo como ligante uma argila de coloração alaranjada. Na sua base estes dois muros têm um embasamento ligeiramente mais largo que a parte superior da estrutura.

O muro identificado com a UE [1218] tem uma orientação sudeste-noroeste e 5,55 m de comprimento, 66 cm de largura no seu topo e 50 cm de altura conservada. O muro identificado com a UE [1219] tem uma orientação sudoeste-nordeste, 8,33 m de comprimento, 66 cm de largura no seu topo e 50 cm de altura conservada.

O espaço interior delimitado por estes dois muros é truncado pela estrutura identificada com a UE [1228]. Esta, com uma orientação este-oeste, é constituída por silhares aparelhados de granito, de média dimensão, e, no seu atual topo, por silhares aparelhados de grande dimensão. Esta estrutura é de aparelho insosso e tem 10,10 m de comprimento,

Figura 10. Perspetiva de sudoeste sobre as estruturas que compõe o edifício A e estruturas adjacentes.



80 cm de largura e 80/90 cm de altura conservada. Esta estrutura serve de apoio a uma pequena estrutura – UE [1281] – com orientação sul-norte, aproximadamente, constituída por silhares aparelhados em granito, de média dimensão. Esta estrutura, com 60 cm de comprimento, prolonga-se para lá do limite sul da área de escavação. Quer esta estrutura quer a estrutura identificada com a UE [1228] cobrem o topo do enchimento de uma vala identificado com a UE [1252].

O espaço interior do edifício A é ocupado por diversas estruturas. Os muros identificados com as UE [1223] e [1224] foram interpretados como sendo uma porta interna. A UE [1223] é constituída por silhares aparelhados em granito, de média e grande dimensão. Tem 1,10 m de comprimento, 1,10 m de largura máxima e 60/70 cm de altura máxima conservada, encostando ao muro identificado com a UE [1219]. A estrutura identificada com a UE [1224] é constituída por grandes blocos de granito, sendo as suas juntas colmatadas por pedra miúda. Esta estrutura tem 1,10 m de comprimento, 1,10 m de largura e 60/70 cm de altura máxima conservada. Não nos foi possível aferir a relação estratigráfica deste muro com o muro identificado com a UE [1228], já que a possível junção destas duas estruturas está para além do limite da área intervencionada.

O muro identificado com a UE [1225] tem uma orientação sul-norte, é constituído por alvenaria de silhares aparelhados de média dimensão, em granito, tendo como ligante uma mistura de argila e terra compactada. Este encosta ao muro identificado com a UE [1228] e serve de apoio às estruturas identificadas com as UE [1226] e [1227].

A estrutura identificada com a UE [1226], constituída por silhares aparelhados, dispostos verticalmente, tem 1 m de comprimento, 45 cm de largura e 50 cm de altura. Esta encosta às estruturas identificadas com as UE [1228] e [1225].

A estrutura identificada com a UE [1227] encosta também às estruturas identificadas com as UE [1228] e [1225]. Esta é constituída por silhares aparelhados, de média dimensão, em granito, tendo como ligante uma mistura de argila e terra compactada. Esta estrutura tem 1,30 m de comprimento e 50 cm quer de largura como de altura conservada.

A norte do edifício A também existe uma série de reformulações espaciais que demonstram a evolução urbanística do local.

A encostar ao muro identificado com a UE [1219] temos os muros identificados com as UE [1220] e [1222] que, juntamente com a estrutura identificada com a UE [1221], formam um compartimento de planta subretangular. A relação estratigráfica entre os muros identificados com as UE [1221] e [1222] não é possível de aferir, já que está para lá do limite oeste da escavação.

No interior deste compartimento foi possível detetar um piso/nível de circulação identificado com a UE [1208], piso este constituído por uma argila de coloração alaranjada com cal à mistura. Este nível de circulação encosta aos muros anteriormente referidos.

O muro identificado com a UE [1220], com uma orientação sudeste-noroeste, tem 4,23 m de comprimento, 66 cm de largura e 50 cm de altura máxima conservada. Este muro encosta quer ao muro identificado com a UE [1219] quer ao muro identificado com a UE [1255], servindo de apoio à estrutura identificada com a UE [1277].

O muro identificado com a UE [1221], no limite norte do compartimento anteriormente descrito, tem 2,67 m de comprimento, 45 cm de largura e 50 cm de altura máxima conservada, prolongando-se para lá do limite oeste da escavação. Este muro tem uma orientação sudeste-noroeste e é constituído por alvenaria de silhares aparelhados em granito, de média dimensão, não tendo qualquer tipo de embasamento. Este muro encosta ao muro identificado com a UE [1220].

O muro identificado com a UE [1222], localizado junto ao corte oeste da escavação, tem uma orientação sudoeste-nordeste, é constituído por alvenaria de silhares aparelhados em granito, tendo como ligante terra compactada. Este tem 1,78 m de comprimento, 45 cm de largura e cerca de 50 cm de altura máxima conservada. Limita a oeste o compartimento anteriormente referenciado e encosta ao muro identificado com a UE [1219].

A oeste do muro identificado com a UE [1220] e a encostar a este temos uma estrutura/conjunto pétreo – UE [1277] – constituída por um pequeno empedrado com três pedras fincadas, tendo uma delas um pequeno orifício circular, não sendo perceptível se esta pedra terá sido um reaproveitamento ou se teria tido uma função eminentemente prática.

O muro identificado com a UE [1255] tem uma orientação nor-noroeste-nordeste e é constituído por alvenaria de silhares aparelhados em granito, de média e grande dimensão, tendo como ligante uma argila de coloração alaranjada e terra compactada, prolongando-se para lá do limite oeste da área intervencionada. Esta estrutura é cortada pela canalização identificada com a UE [1242], é encostada pelo poço – UE [1257] – e pelo muro identificado com a UE [1220], e encosta ao muro identificado com a UE [1256].



Figura 11. Estrutura identificada com UE [1277]. Vista de norte.

O muro anteriormente referido – UE [1256] – tem uma orientação sudeste-noroeste e é constituído por dois tipos de aparelho. No lado norte, é constituído por alvenaria de silhares aparelhados de granito e, no lado sul, por pedra aparelhada de pequena dimensão, tendo como ligante argila. Este é encostado pelos muros identificados com as UE [1255], [1262] e [1259] e pelo empedrado identificado com a UE [1279].

A este desta última estrutura – UE [1256] – existe um pequeno compartimento delimitado por um muro em “cotovelo” – UE [1259] –, dividido internamente por um pequeno murete identificado com a UE [1260]. Este compartimento prolonga-se para lá do limite norte da escavação.

O muro identificado com a UE [1259] é constituído por alvenaria de silhares aparelhados de granito, de média dimensão, de formato retangular, tendo como ligante uma argamassa à base de cal.

O interior do espaço delimitado pela estrutura anteriormente referida é dividido por um murete – UE [1260] –, sendo este constituído por pedra aparelhada, tendo como ligante uma argamassa à base de cal. Este murete apoia-se no muro identificado com a UE [1259].

Também a este do muro identificado com a UE [1256], e na mesma orientação do muro identificado com a UE [1255], foi definido um muro – UE [1262] – em tudo idêntico ao muro anteriormente referido – UE [1260]. Este tem uma orientação nor-noroeste-nordeste e é constituído por alvenaria de silhares aparelhados, de média e grande dimensão, em granito, tendo como ligante uma mistura de argila, cal e terra compactada. Este muro encosta ao muro identificado com a UE [1256], serve de apoio aos muros identificados com as UE [1261] e [1278] e aos empedrados identificados com as UE [1263], [1279] e [1280] e é cortado pela canalização identificada com a UE [1264].

Os empedrados identificados com as UE [1279] e [1280] estão localizados no interior de dois pequenos compartimentos de planta irregular.

O compartimento onde está localizado o empedrado identificados com a UE [1279] é delimitado pelos muros identificados com a UE [1256], [1259], [1262] e [1278]. Este último, com uma orientação sudeste-noroeste, é constituído por alvenaria de silhares aparelhados em granito, tendo como ligante uma argamassa à base de cal. Este muro encosta aos muros identificados com as UE [1259] e [1262] e serve de apoio aos empedrados identificados com as UE [1279] e [1280].

O empedrado identificado com a UE [1280] preenche um compartimento de planta irregular, cujos limites são os muros identificados com as UE [1262], [1259], [1278] e [1261], tendo este último uma planta curvilínea, que foi interpretada como limite de um possível arruamento. Esta última unidade é constituída por alvenaria de silhares aparelhados de granito, tendo como ligante uma argamassa de cal, encosta aos muros identificados com as UE [1259] e [1262] e serve de apoio aos empedrados identificados com as UE [1263] e [1280].

O espaço compreendido entre as estruturas identificadas com as UE [1261] e [1262] e a canalização identificada com a UE [1264] é ocupado por um empedrado – a UE [1263]. A sul do muro identificado com a UE [1262] foi definido um outro empedrado – UE [1282] – em tudo semelhante ao empedrado anteriormente referido.



Figura 12. Vista sobre as estruturas que compõem o edifício B – UE [1108] e [1110], respetivamente.

Estes dois empedrados são constituídos por pedras de dimensão variável, misturadas com cal e argila, e foram interpretados como fazendo parte de um mesmo arruamento.

No canto nordeste da escavação, como já anteriormente referido, detetou-se parte da planta de um edifício e suas posteriores reformulações. Este edifício – edifício B – é composto pelos muros identificados com as UE [1108] e [1110], fazendo estes dois muros cunhal entre si.

Os muros que compõem o edifício têm um método construtivo em tudo semelhante. Estes são construídos com alvenaria de silhares aparelhados, de pequena dimensão, em granito, com tégula reaproveitada na sua construção, tendo um pequeno embasamento na sua base. O ligante destes dois muros é constituído por uma argamassa à base de cal e argila. A construção deste edifício é mais cuidada do que a construção do edifício A, não nos sendo possível perceber se o cuidado no tipo de construção tem a ver com a funcionalidade ou com a época/período de construção do mesmo.

O muro identificado com a UE [1108] tem uma orientação sudeste-noroeste, 6,88 m de comprimento, 55 cm de largura e 70 cm de altura máxima conservada.

O muro identificado com a UE [1110] tem uma orientação sudoeste-nordeste, 3,33 m de comprimento, 55 cm de largura e 70 cm de altura máxima conservada.

No interior do edifício designado por B foi detetado, encostado ao muro identificado com a UE [1108], um alinhamento pétreo – UE [1103] – constituído por silhares aparelhados, de pequena dimensão, de formato quadrangular, em aparelho inosso, sendo este alinhamento uma reformulação posterior à primeira fase de ocupação do edifício.

Este alinhamento pétreo cobre uma camada de carvões/cinzas – a UE [1104] –, que, por sua vez, cobre um pequeno empedrado interpretado como o primeiro nível de circulação do interior do edifício. Desta unidade de cinzas e carvões foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica comum, faianças e escória de metal, material este que nos remete para uma cronologia do século XVIII.

O empedrado identificado com a UE [1106] é um empedrado constituído por pequenas lajetas de formato irregular. Este cobre o sedimento identificado com a UE [1107]. Este sedimento é o último a encostar às estruturas que compõem o edifício B – UE [1108] e [110].

O material recolhido da UE [107] – cerâmica, vidros e material de construção – remete-nos para uma cronologia entre os séculos XVII/XVIII.

Sob a UE [1107], e coberta pelos muros que compõem o edifício B, escavou-se um sedimento de coloração acinzentada, de matriz limosa, bastante homogénea. Desta UE [1111] foi recolhido diverso tipo de espólio, onde se destaca um fragmento de faiança dourada. Este tipo de produção cerâmica é feito no Levante espanhol, sendo a sua produção realizada entre os séculos XIV e XVI.



Figura 13. Espólio recolhido na UE [107], de cronologia dos séculos XVII/XVIII (em cima e em baixo, à esquerda), e faiança dourada de produção levantina, dos séculos XIV/XVI (em baixo, à direita).

A norte do edifício B, canto nordeste da área intervencionada, existe um compartimento delimitado por este mesmo edifício e pelas estruturas identificadas com as UE [1272] e [1273]. Não é possível ver a planta deste compartimento na sua totalidade, já que este se prolonga para lá dos limites da escavação. O interior deste compartimento é preenchido por um nível de circulação constituído por pedra miúda compactada com argila e cal – UE [1293]. A estrutura identificada com a unidade [1272] é um muro com uma orientação sudeste-noroeste e é construído por alvenaria de silhares aparelhados de granito, tendo como ligante uma argamassa à base de cal. Este tem 1,65 m de comprimento e 55 cm de largura. Este muro – UE [1272] – tem a mesma orientação do muro identificado com a UE [1108] e encosta ao muro identificado com a UE [1110].

A estrutura identificada com a UE [1273], situada no canto nordeste da escavação, é constituída por alvenaria de pedra aparelhada de granito. Esta estrutura encosta ao muro identificado com a UE [1110] e serve de apoio ao nível de circulação – UE [1293].

A oeste do muro identificado com a UE [1272] existe um outro compartimento, delimitado por este mesmo muro a este, a sul pelo muro identificado com UE [1271] e a oeste pela canalização, UE [1264]. No interior deste compartimento existem outros dois compartimentos mais pequenos, sendo o piso interior destes constituído por dois lajeados identificados com as UE [1267] e [1268].

O muro identificado com a UE [1271] tem, sensivelmente, a mesma orientação do muro identificado com a UE [1110] e é construído por alvenaria de silhares aparelhados de granito, argamassados com um ligante à base de cal. Este tem 4,33 m de comprimento e 55 cm de largura. Este muro é cortado pela canalização identificada com a UE [1264] e serve de apoio aos muros identificados com as UE [1265] e [1269].

Os muros identificados com as UE [1265], [1266], [1269] e [1270], juntamente com a estrutura identificada com a UE [1271], formam dois compartimentos, de pequenas dimensões, de planta quadrangular, tendo estes como piso/nível de circulação um lajeado – UE [1267] e [1268]. O interior do compartimento localizado mais próximo da canalização identificada com a UE [1264] era colmatado por cinzas/carvões e escória de ferro – UE [1249] e [1250] –, o que nos leva interpretar estes dois compartimentos como área funcionais de uma ferraria/oficina de forja.

O espaço localizado a norte destes dois compartimentos é ocupado por um nível de circulação constituído por pedra miúda, compactada com cal e argila, identificado com a UE [1275].

O espaço compreendido entre os muros identificados com as UE [1108] e [1271] é ocupado por um nível de circulação – UE [1109]. Este é constituído por um empedrado e foi interpretado como fazendo parte de um arruamento.

Todas estas estruturas da Época Moderna, de finais do século XVI a meados do século XVIII, podem ser interpretadas como fazendo parte de um “quarteirão”, cuja atividade económica poderemos relacionar com a atividade metalúrgica.

Estas estruturas da Época Moderna cobrem a UE [1276]. Esta é constituída por um sedimento de coloração acinzentada, bastante homogénea. É de referir que esta é uma



Figura 14. Estruturas da Época Moderna.

EU com alguma potência estratigráfica e forneceu-nos cerâmica comum de cronologia medieval e uma base de coluna.

A UE [1276], para além de cobrir uma série de realidades arqueológicas, encosta às estruturas identificadas com as UE [1220] e [1229], estruturas estas de cronologia medieval.

A estrutura identificada com a UE [1230] é um muro com orientação sudeste-noroeste, construído por alvenaria de pedra aparelhada, de média dimensão, em granito, tendo tégula reaproveitada na sua construção. Esta estrutura tem 2,10 m de comprimento, 55 cm de largura e 70 cm de altura máxima conservada. Este muro serve de apoio à UE [1276] e apoia-se no muro identificado com a UE [1229].

A estrutura identificada com a EU [1229] com uma orientação este-oeste, tem 7,7 m de comprimento, 67 cm de largura e 60 cm de altura máxima conservada. Esta é construída por silhares aparelhados de granito, de médio e pequeno porte, nos paramentos. Após análise já em fase de gabinete, através da fotogrametria, podemos levantar a hipótese de a parte este da estrutura anteriormente referida ser um “caleiro”/canalização. Esta parte da estrutura apresenta, nos seus paramentos, quer interno quer externo, alvenaria de silhares aparelhados em granito, de pequena dimensão, sendo o seu interior preenchido



Figura 15. Base de coluna e cerâmica de cronologia medieval.

As estruturas identificadas com as UE [1229] e [1294] cobrem o enchimento de uma vala/dreno identificada com as UE [1252] e [1253] – enchimento e interface vertical, respetivamente. Este enchimento é composto por silhares de média e grande dimensão, com uma terra de coloração acinzentada entres estas pedras. Da definição do topo do enchimento desta vala recolheu-se uma série de fragmentos de tégula. Esta vala foi interpretada como sendo um dreno/vala de condução de água e tem uma orientação este-oeste.

A UE [1254] é cortada pela vala identificada com a UE [1253]. A UE [1254] é composta por uma série de aterros, constituídos por sedimentos de matriz arenosa, de coloração castanha-amarelada. A vala referida anteriormente – UE [1253] – também corta a UE [1254] – enchimento de uma estrutura negativa – e o substrato geológico – UE [1286].

Da escavação do enchimento da estrutura em negativo – UE [1254] – não foi recolhido qualquer tipo de espólio, impossibilitando, assim, a atribuição de uma cronologia mais precisa à estrutura negativa. Este enche a UE [1255]. Esta interface vertical

por terra. Este muro/estrutura serve de apoio à estrutura identificada com a UE [1230].

Também de cronologia medieval temos as estruturas identificadas com as UE [1231] e [1113] e derrube associado a esta mesma estrutura, identificado com a UE [1114].

A estrutura identificada com a UE [1231] é uma estrutura/alinhamento pétreo construída por pedras aparelhadas, de pequena dimensão, em aparelho in-sosso.

A estrutura identificada com a unidade [1113] é um alinhamento com orientação sul-norte, construída por silhares aparelhados, de média e grande dimensão. Esta estrutura tem saibro de coloração amarelada e tijolo “burro” na sua construção. Associada a esta estrutura temos um pequeno derrube, identificado com a UE [1114], composto por pedras de pequena e média dimensão, com uma orientação sul-norte.

Estas estruturas de cronologia medieval e o sedimento identificado com a UE [1276] cobrem uma série de realidades arqueológicas de cronologia mais antiga.



Figura. 16. Estruturas de cronologia medieval: UE [1113] e [1114] (esquerda) e [1229] e [1230] (direita).

tem uma planta subovalada, de paredes ligeiramente oblíquas e fundo irregular. A interface vertical de abertura desta estrutura tipo “fossa” corta o substrato geológico.

A norte da estrutura identificada com a UE [1229] existem dois sedimentos divididos pela UE [1288], sendo esta uma pequena faixa de terra de coloração amarelada – saibro desfeito. A sul desta faixa atribui-se a UE [1287], sedimento de coloração castanha, de matriz arenosa e homogénea. A norte da mesma faixa, foi identificado um outro sedimento, ao qual se atribuiu a UE [1283]. Esta unidade é composta por um sedimento limoso, de coloração cinza-clara e homogéneo.

Este último sedimento é cortado por uma estrutura negativa. Esta tem um enchimento de coloração castanho-escuro, de matriz areoargilosa e heterogénea.



Figura. 17. Dreno/vala de condução de água de cronologia romana (?).

Este enchimento tem uma planta circular e enche a interface vertical de abertura de “fossa”, à qual foi atribuída a UE [1290].

Estas últimas unidades não foram intervencionadas, já que estão abaixo da cota de afetação de obra.

Da UE [1283] recolheu-se da sua limpeza e definição alguns fragmentos de cerâmica manual e o que nos parece ser uma ponta de seta em xisto. Os fragmentos cerâmicos não nos permitem aferir quer cronologias quer tipologias das peças cerâmicas, já que estes são de um tamanho reduzido.

A intervenção arqueológica terminou nas UE identificadas com os números [1253], [1284], [1286], [1229], [1287], [1283] e [1113], já que com estas UE se atingiu a cota de afetação do projeto.



Figura. 18. Ponta de seta em xisto (?) (em cima) e fragmentos de cerâmica manual de cronologia proto-histórica ou pré-histórica (em baixo).



Figura. 19. Vistas de sudeste e este sobre o plano final da intervenção arqueológica.

4. Síntese

Podemos dizer que com a conclusão das três fases de trabalhos arqueológicos, num total de cerca de 650m² intervencionados, o principal dado recolhido foi a descoberta/escavação de parte de um quarteirão do antigo núcleo urbano de Braga, da Idade Moderna, dos séculos XVII/XVIII. Os edifícios, suas reformulações, os arruamentos e demais estruturas postas a descoberto, provavelmente, fariam parte de um conjunto de oficinas de forja/ferreiros.

Para além deste dado, também foi posta a descoberto uma série de estruturas/muros de cronologia medieval, cuja funcionalidade não nos foi possível aferir, e uma série de vestígios arqueológicos anteriores à Idade Média.

Em suma, podemos dizer que com esta intervenção arqueológica foi possível verificar uma longa diacronia de ocupação do espaço que vai desde meados do século XIX/inícios do século XX até à Proto-História/Pré-História Recente.

Assim, achamos que com os dados obtidos com esta intervenção arqueológica demos um pequeno contributo quer para o estudo da evolução do local quer para o estudo da evolução urbanística da cidade de Braga, desde a Idade Média até à Época Contemporânea.

Referências bibliográficas

Gomes, C., 2013. Braga no Século XIX. *Blogue do Minho*, [blogue] 23 novembro. Disponível em: <<https://blogue-dominho.blogs.sapo.pt/525434.html>> [Consult. janeiro 2021].

Martins, M. e Ribeiro, M., 2013. Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração. In: M. C. Ribeiro e A. S. Melo, coords. 2013. *Evolução da paisagem urbana. Transformação dos tecidos históricos*. Braga: CITCEM – IEM. pp. 11-44.

Ribeiro, M., 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.

Ribeiro, M., 2010. A evolução da paisagem de Braga desde a época romana até à Idade Média. Síntese de resultados. *Fórum*, 44-45, pp. 179-201.

Martins, M. e Ribeiro, M., 2018. A cidade nas encruzilhadas da história. Evolução urbana de uma cidade com 2000 mil anos: Braga (Noroeste de Portugal). *Dimensões*, 40, pp. 11-38.